

O HUMANO E SUAS PELES: UM REVISIONISMO SINTÉTICO E POÉTICO

MARMO RUNA ANTE¹; CAROLINE LEAL BONILHA²

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – runa1giga@gmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa parte de uma investigação, em formulação, dentro do campo teórico-poético das artes visuais. Como plano de concepção artística, proponho que a pintura enquanto objeto poético e, nesse caso, souvenir resultante de uma investigação teórica é, também, um corpo próprio: fabricado por uma cadeia orgânica-sintética, simbólica e somática, contaminado por um todo-universo externo, prescrito num tecido-circuito de percepções que se atualizam a cada segundo e, a partir disso, transscrito de suas simbologias auto-fabricadas.

Seu potencial ou suas possibilidades corpóreas ou de corporificação, como a de meu corpo trans_humano, são múltiplas na mesma escala em que são mutáveis, mutantes e insurrectas à uma obstrução libidinal conservadora, bem como são recortadas por novos relevos, faturas, excessos e faltas (de matéria; tinta; carne; fluído).

A minha pele é o que me separa do restante do mundo, bem como o tecido encapando o chassi de uma pintura ou o contorno de uma mancha escura disposta sobre um chão branco que delimita a geografia espacial de sua existência. É de interesse dessa pesquisa uma análise destas limitações esponjosas do corpo de trabalho, bem como o devaneio especulativo sobre o que seria da arte (e do corpo, e de seus órgãos, e de mim, retroativamente) se essas restrições cedessem e tais demarcações de limitação não existissem mais.

Nessa composição textual, me debruço sobre duas pinturas desenvolvidas por mim entre 2021 e 2025, em consonância a reflexão teórica ao redor das fronteiras e limites do humano apresentadas, sobretudo, no trabalho contemporâneo do filósofo neo-racionalista iraniano Reza Negarestani.

2. METODOLOGIA

O processo executivo e pré-dimensional de uma estrutura pictórica é infinito, vez que suas camadas físicas, dentro deste meu processo poético, estão sendo constantemente atualizadas por novas interações e interesses imagéticos; como se a pintura fosse uma justaposição sentimental e simbólica fragmentada pelo seu tempo-de-execução. Algumas telas passam por diversas faces e fases, e essas podem durar anos até encontrarem uma assentagem final e, mesmo assim, ainda às penso enquanto um algo em processo, afinal a maneira que a mesma será exposta, encarada e refletida sob há de alterar, por completo, seu resultado simbólico. O processo de longa-exposição na pintura permite, como permitiria

num outro dispositivo, o acúmulo de ruído, de erro, de camadas, relevos e faturas; todas interessantes para o desdobramento estético assentado.

O humano surge enquanto objeto de análise visual, uma vez que ele também existe através de um agenciamento de constante revisão; *um self de código aberto* (NEGARESTANI, 2020) em processo não-findável de fabricação de corpulência, identidade e experiência. Nesse sentido o corpo é, em sua máxima, uma possibilidade.



Figura 1. *Cola* (2025), óleo, acrílica e guache sobre tela, 52x62cm

Figura 2. *Arca* (2025) acrílica e guache, 15x20cm

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os relevos construídos pelo exagero de acúmulo de tintas, as partes que se deseja suturar, ou por vezes manter expostas das camadas anteriores, a sobreposição têxtil do tecido de renda que dá vazamento à textura, a mistura entre acrílica e tintas a base de óleo que produz uma espécie de vazamento oleaginoso no tecido de algodão e todas as imagens que essa novas imagens já foram, me interessa que se pense a pintura (ou alguma outra dinâmica artística) enquanto situação alicerçada dentro um circuito de dados volúveis; uma constelação mórfica de imagens atravessadas em um processo constante de auto-upgrade (como é o corpo trans-techno-bio-mórfico), um esticamento da natureza, uma extensão que detém *poder de significar*; (HARAWAY, 1985, p.86) num novíssimo projeto de mundo.

4. CONCLUSÕES

No desenvolvimento desse processo de pesquisa teórica e poética, instigo um motor de inscrição de uma subjetividade específica dentro do campo plástico das artes e, especialmente, aqui, da pintura. Ao desalinhlar seu pragmatismo técnico, articulo essa prática a uma noção de ruído instável, procurando tensionar os limiares e limites das noções de corpo, humanidade, natureza e plasticidade sintética. A nível de pesquisa, tomo o corpo como meu experimento na mesma escala que meu desafio. Ele é meu suporte e é minha musa; surgindo sob o contexto poético de dispositivos vários, e quando ativado pictoricamente, me permite uma ideação inumana de existência, corpulência e identidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NEGARESTANI, Reza. **O trabalho do Inumano**. São Paulo. Zazie Edições. Coleção Trama. 2020
- HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue**. Revista Socialist Review. 1985